

**Leonardo Mota \***

(Fonte: O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 259.)

“Fui intransigente na defesa do sertão esquecido, do sertão ridicularizado, do sertão caluniado e só lembrado quando dele se quer o imposto nos tempos de paz ou o soldado nos tempos de guerra. E foi, sobretudo, contra o labéu de cretinice do sertanejo nordestino que orientei a minha documentada contradita: em todo o meu “Cantadores” e nas conferências que proferi, de Norte a Sul, pus o melhor dos meus empenhos em fazer ressaltar a acuidade, a destreza de espírito, a vivacidade da desaproveitada inteligência sertaneja, de que os menestréis plebeus são a expressão bizarra e esquecida, apesar de digna de estudos.”

É assim que o próprio Leonardo Mota justifica o seu trabalho de recolher, durante parte de sua vida, as histórias e as poesias populares.

Natural da cidade de Pedra Branca, de onde mudou-se muito cedo, o Leota não media tempo nem distâncias em suas viagens pelos interiores mais remotos, durante as quais registrava casos, histórias e versos. Como um bom pesquisador, ele era daqueles que não se contentavam com registros de segunda mão.

O interessante de Leonardo Mota pela sabedoria sertaneja teve início quando foi morar na cidade de Ipu, onde a convite do seu irmão, Cônego Aureliano Mota, dirigiu um instituto educacional.

Membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, Leota não era apenas um requisitado conferencista para platéias de estudiosos e interessados no folclore. Era também um animador de rodas de amigos e intelectuais da antiga Praça do Ferreira (coração da cidade de Fortaleza); para essa platéia o pesquisador declama versos e contava histórias.

O “último boêmio do Ceará” ou “ judeu errante do folclore nacional”, como se intitulava, publicou: Cantadores (1921), Violeiros do Norte (1925), Sertão Alegre (1928), No Tempo de Lampião (1930), Prosa Vadia (1932) e A Padaria Espiritual (1938). Os originais de sua obra “Adagiário Brasileiro” desapareceram no dia de sua morte, no entanto, foram reconstituídos pacientemente por seus filhos Moacir e Orlando Mota.

---

\* O Ceará nos anos 90: Censo Cultural. Fortaleza, 1992. Pag. 259.